Julho/Agosto 2002
Nº 15 ANO III

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

entre Linhas

IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO Nº 03677/01
ECT/DR/RS
CRP-07-Conselho Regional de Psicologia
7ª Região
ACF B.GONCALVES

118 anos de Hospital São Pedro

Foto: Alexandre Baptista

Fora dos Consultórios

Quatro décadas de Psicologia

As Perspectivas em Psicologia serão assunto de uma conferência e três oficinas que o CRP-07 programou para comemorar o Dia do Psicólogo, em 27 de agosto. A data também marca os 40 anos de regulamentação da profissão no Brasil.

Encartado nesta edição convite para o Dia do Psicólogo

editorial

Um caminho de transformações

A edição de julho/agosto do EntreLinhas tem sempre um tom festivo. Agosto é mês de comemorar o Dia do Psicólogo, de reunir a categoria em torno de um debate atual e que acrescente algo à trajetória de cada profissional do Rio Grande do Sul. Neste ano em que completamos 40 anos de reconhecimento como prática profissional, somos convocados a mais uma reflexão.

Com certeza, o caminho construído nestas quatro décadas apresenta todas as dificuldades inerentes a qualquer profissão, mas com a especificidade da Psicologia, ou seja, uma ciência voltada para a subjetividade, percebendo cada sujeito como único e ao mesmo tempo integrante desta teia social.

Ao longo deste período, o mundo passou por uma série de transformações que foram acompanhadas por nossa profissão. Saímos da posição de um Conselho meramente fiscalizador, origem de nossa regulamentação, para a de defensores de uma prática profissional mais justa e atenta à necessidade social, muitas vezes numa caminhada repleta de percalços.

Saber que também estamos construindo essa história nos deixa orgulhosos e nos torna ainda mais responsáveis por este processo. Nossa geração viveu diversas transformações profissionais, anseia por tantas outras e tem consciência da importância de se envolver na construção coletiva de um mundo melhor, nos movimentos sociais e nos diversos espaços que podem e devem ser ocupados pelos psicólogos. Também contribui, dessa forma, para a construção de uma memória histórica em nossa sociedade, que se constitua como referência para ações futuras.

Chegamos à maturidade - porque quarenta anos não se celebram todos os dias - certos de que construímos muito, mas que ainda há outro tanto a ser feito. Neste Entrelinhas, parte deste percurso é abordado na consistente entrevista da psicóloga Cecília Coimbra, convidada a falar sobre as Perspectivas em Psicologia na comemoração do Dia do Psicólogo. E também merece destaque nesta edição a matéria da seção Fora dos Consultórios, que mostra um pouco do processo de derrubada dos muros manicomiais, materializado nas modificações realizadas e por implementar no nosso Hospital Psiquiátrico São Pedro, cujo histórico reflete as transformações nas políticas de saúde mental em nosso estado e país.

Reiteramos nossa homenagem aos profissionais da categoria e convidamos a todos para comemorar, pois temos muitos motivos para isso!

Gestão Inserção

Gestão Inserção

- Andréa Giesen Lompa
- Carla Garcia Bottega
- Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Célia Angelina Trevisi do Nascimento
- Cristina Armani Madeira
- Dóris Noronha
- Gisele Silva Sanches
- Janice Castilhos Gomes
- Liliana Santos
- Mara Cristina Kozorosky Almeida
- Maria Anastasie de Castro Cortês
- Maria Cristina Carvalho da Silva
- Maria da Graça Corrêa Jacques
- Mylène Geiger
- Ruy Dias Gigante
- Simone Poester Schmidt
- Tatiana Cardoso Baierle
- Vera Elizabeth Verissimo

Diretoria

- Presidente: Andréa Giesen Lompa
- Vice-presidente: Carla Garcia Bottega
- Secretária: Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Tesoureira: Tatiana Cardoso Baierle

Comissão de Comunicação

- Andréa Giesen Lompa
- Mylène Geiger
- Vera Elizabeth Verissimo
- Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 3335.1838 3330.3458
E-mail: crp07@crp07.org.br
Site: www.crp07.org.br

Seção Serra
Avenida Itália, 325/705
95.010-260 – Caxias do Sul/RS
Telefone (54) 223.7848
Representante: Viviane Marcon Duarte

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (53) 227.4197
Representante: Giovani Cantarelli

- Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

- Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Design gráfico: Clô Barcellos/Libretos
Impressão: Dolika
Tiragem: 7 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

O CRP-07 convida para as comemorações do Dia do Psicólogo e dos 40 anos de regulamentação da profissão

Conferência:
Cecília Coimbra (doutora em Psicologia Social e professora da Universidade Federal Fluminense)

Oficinas:
Odair Furtado – (presidente do CFP)

Maria da Graça Jacques - (psicóloga conselheira do CRP-07)

Jaqueline Tittoni – (psicóloga e professora da UFRGS)

Local:
Teatro do Prédio 40 – PUC/RS
Data:
27 de agosto de 2002
Horário:
17h30min (oficinas) e 19h30min (conferência)

Perspectivas em Psicologia

Mercado de Trabalho, História e Novos Paradigmas

Agende-se e participe!

ENTRADA FRANCA

O encontro tem o apoio da Faculdade de Psicologia da PUC/RS, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) e do Conselho Federal de Psicologia.

Nesta noite, serão entregues os prêmios para os vencedores do concurso Histórias e Memórias de Psicologia



Fotos do HPSP: Alexandre Baptista

Cidadãos de um mundo mais digno

"Primeiro lhe chamou homem de pedra e depois lhe entregou as chaves, porque as chaves do Reino só em homens de pedra estão seguras. Os homens de barro quebram, os de pau corrompem-se, os de vidro estalam, os de cera derretem-se; tão duro e tão constante há-de ser como uma pedra, quem houver de ter nas mãos as chaves do Reino: Tu es Petrus, tibi dabo claves. E qual há-de ser o ofício ou o exercício destas chaves? Fechar e abrir? Não diz isso o Senhor. As chaves que abrem e fecham, podem abrir para dentro e fechar para fora. Por isso vemos os tesouros tão estreitos e tão fechados para os outros, e tão largos e tão abertos para os que têm as chaves. Que havia logo de fazer com elas S. Pedro? Atar e desatar, diz Cristo." [1]

Não deve haver quem cresceu no Rio Grande do Sul que não tenha escutado falar no Hospital Psiquiátrico São Pedro: "esse aí fugiu do São Pedro". Povoador do imaginário social, ícone da loucura em nosso estado, o HPSP faz jus ao seu lugar. Não é apenas pelo fato de estar instalado no que é considerado um verdadeiro "altar", num conjunto composto por 14 hectares de terra, numa região, hoje, central de Porto Alegre. É por sua história, escrita em cada marca de parede, em cada prontuário esquecido no arquivo público, em cada eco que percorre seus corredores, que percebemos a dimensão do que esta estrutura abriga. Não há história de trajetória da saúde mental no RS sem a análise das diferentes faces do HPSP.

De Província a Hospício, São Pedro certamente homenageia também o Imperador de então, Dom Pedro II. Aliás, "Asilo Pedro II" era o nome do maior manicômio existente na época (RJ) e para onde eram dirigidas tentativas de envio dos "loucos" locais. No século XIX as opções não eram muitas: tinha-se em Porto Alegre a Cadeia Pública e a Santa Casa de Misericórdia. O projeto higienista propagava a necessidade de limpar as ruas, e a contenção era o principal instrumento empregado. Inaugurado em 1884 com 40 leitos, seu livro de visitas, preservado até os dias de hoje, foi aberto com a assinatura de *Izabel Conde'Eu Princeza Imperial.*

Longe da área urbana da cidade, o São Pedro foi erguido para atender as indicações terapêuticas vigentes na época. Natureza, córrego, local para o trabalho agrícola compunham o cenário ideal. Ali, também, diversas práticas terapêuticas foram empregadas antes do surgimento das medicações psiquiátricas, tais como os banhos, a insulinoterapia, eletroconvulsoterapia e malarioterapia. Esta última introduzida no Brasil pioneiramente no HPSP e considerada com grande sucesso segundo os padrões da época. O fundamento destes "choques" era a busca da desmontagem da estrutura psíquica doente para uma eventual reconstrução sadia.

Se percorremos os caminhos e descaminhos das terapias utilizadas para o tratamento da loucura (e a história do São Pedro permite esse olhar, já que se confunde com a própria história da loucura), chegamos a lugares insuspeitos. Percebemos com certa nitidez o quanto a moral de cada época, na medida em que define padrões de normalidade, ideais, incide sobre os diferentes discursos científicos. Neste sentido, o saber "psi" é, também, produtor de subjetividade. Seu "enquadre" produz os desvios.

Assim, não devemos nos espantar com o fato de que muitas mulheres baixaram em hospitais psiquiátricos por sentirem orgasmo ou por terem engravidado quando solteiras. Também com o fato de que muitos portadores de deficiência física (surdos/mudos, por exemplo) atravessaram os portões que separavam os "loucos" dos "normais". Não nos furtamos de assumir que muito sofrimento causamos.

O São Pedro nos dias de hoje

Além dos atendimentos diários aos moradores e pacientes em geral, os cerca de 700 funcionários do HPSP estão empenhados num projeto chamado São Pedro Cidadão, uma política de ação que leva em conta não só as diretrizes da Lei da Reforma Psiquiátrica como também o resgate de parte da história da instituição, da saúde mental no país e – porque não? – de Porto Alegre.

Uma destas ações já teve início: a construção de pequenas casas na área do hospital, onde os moradores com maior autonomia poderão viver por conta própria e resgatar vínculos com a sociedade. Também está prevista a revitalização dos 14 hectares ocupados pela instituição, abrindo espaço para um centro cultural que vai abrigar a história do HPSP e outras iniciativas que aproximem a comunidade do local. Segundo a psicóloga Bárbara Neubarth, coordenadora de atividades terapêuticas do hospital, um grupo vem trabalhando há seis meses para estruturar este perfil cultural da instituição. "Não queremos negar a doença, mas afirmar a vocação do espaço para a Saúde Mental, mostrar que aqui se produz saúde. Acho que a realização da Bienal do Mercosul provou isto e os grupos de teatro que nos procuram pedindo um espaço para ensaiar reforçam nossa intenção", avalia. Um dos carros-chefe desta revitalização é o Memorial, onde ficarão expostos objetos, documentos, fotografias, móveis, livros de registros, salas, quartos e tudo que possa contar a história da instituição. Bárbara admite que o trabalho é imenso, mas espera a ajuda de todos para montar a primeira exposição. "Estamos dando início a uma campanha para recolher doações em todo o Rio Grande do Sul e transformar o Memorial num centro importante para a nossa compreensão", acrescenta.

Aproximando distâncias

Como coordenadora de atividades terapêuticas, Bárbara Neubarth responde por iniciativas de recreação e reabilitação, como as oficinas de geração de renda e de arte e a horta. "Abrimos estes núcleos para o bairro e já estamos recebendo pessoas de fora, principalmente professores de arte e artistas. Estes visitantes dispõem de uma linguagem mais próxima do inconsciente da loucura e convivem bem com os pacientes e moradores, criando situações interessantes de diálogo e integração", conta a psicóloga.

Se hoje o HPSP tem pouco mais de 600 moradores fixos, na década de 70 este número chegou a cinco mil. Segundo Bárbara, o funcionamento era semelhante ao de um "hospitalzão", com os pacientes recebendo medicamentos conforme seu comportamen-

1 Sermão de São Pedro, do Padre Antonio Vieira. (http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/saopedro.html).

to. "Nestas épocas de inchaço foram sendo construídas alas novas e ninguém se preocupou em reformar o que já existia. Por isso os prédios da frente, que são os mais antigos, estão em tal estado de deterioração". Os governos mais recentes também não demonstraram uma preocupação maior com o HPSP. Enquanto um deles tirou profissionais importantes da instituição para simplesmente mandá-los de volta às suas secretarias de origem, outro chegou a anunciar a venda da área para a iniciativa privada e a transferência do hospital para um local mais distante. A comunidade e os funcionários fizeram um ato de "abraço no São Pedro", mas, mesmo assim, foram anos de estagnação em relação a implantação das diretrizes da Lei da Reforma Psiquiátrica. "Foi um tempo muito difícil porque vários aspectos já haviam sido discutidos, algumas reformas já vinham sendo implantadas e tivemos que entrar num compasso de espera para colocar em prática um projeto que foi pioneiro aqui no Rio Grande do Sul. Se pensarmos do ponto de vista político, a população daqui não rende votos, mas esta área vale uma fortuna", avalia Bárbara Neubarth.





Menos sofrimento e mais qualidade

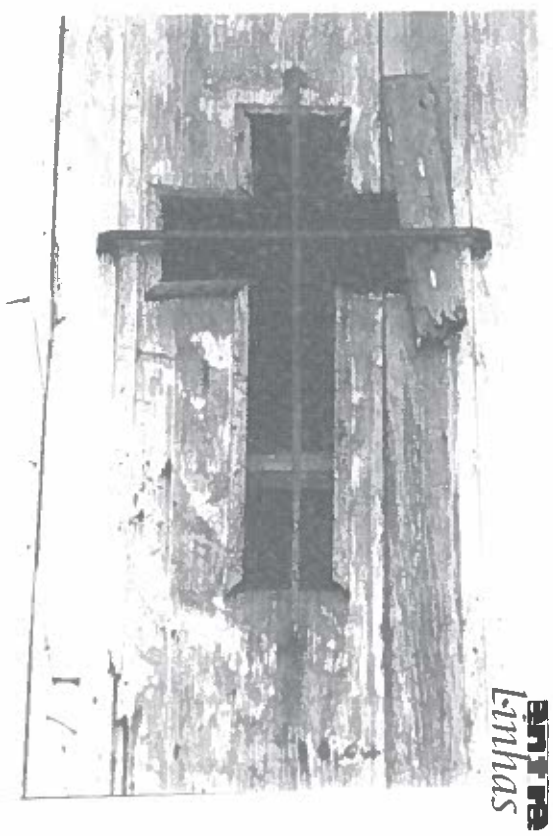
Se os tempos já são outros, ainda há muito o que fazer no campo das políticas públicas para que seja cumprida a Lei da Reforma Psiquiátrica. "É importante que as pessoas que recebem atendimento aqui tenham uma rede de apoio, tenham procedência e destino certos. Atualmente, cerca de 60% dos casos são reinternações. Acreditamos que estas pessoas não precisariam sofrer tanto se seus familiares entendessem a situação e contassem com uma estrutura de apoio no seu lugar de origem", explica Bárbara. Segundo ela, o principal objetivo é qualificar o atendimento. "Temos pessoas que moram aqui há 50 anos. Pensamos muito neles, no seu futuro, numa maneira de viverem melhor", acrescenta.

Até o final do ano, 140 moradores devem ocupar as 40 casas do projeto Morada São Pedro, nas quais terão que administrar seu próprio espaço físico e as rotinas de um lar com cozinha, banheiro e quarto. Todos também estão aprendendo alguma atividade profissional que vai lhes proporcionar alguma renda. "Este projeto é chamado de Coletivos de Trabalho e inclui oficinas de costura, beleza e triagem, esta última em conjunto com moradores de uma vila próxima. Todos os moradores das casas ainda vão ganhar um auxílio financeiro e ranchos de alimentos mensais do governo do Estado", conta Bárbara. A proposta de envolver os pacientes em alguma atividade, aliás, sempre fez parte do cotidiano do HPSP. Até os anos 60, a intenção era mantê-los ocupados. Atualmente, dentro do Coletivos de Trabalho, o objetivo é também a geração de renda para a posterior integração com a sociedade. "Mas não podemos esquecer que o trabalho pode ser enlouquecedor. Há pessoas que estão aqui por causa disso e temos alguns pacientes que não conseguem ficar concentrados numa única atividade", explica.

Enquanto estes 140 internos com maior autonomia se preparam para encarar uma nova vida, os demais vêm convivendo com reestruturações dentro de suas unidades. É o caso dos mais dependentes, que ganharam espaços mais planos, para facilitar sua locomoção. "São intervenções que merecem muitos olhares, são pessoas que precisam ser tratadas de maneiras específicas. Seria muito importante o apoio da família, seu envolvimento numa rede de suporte. É função do Estado este papel de intermediação, mas, enquanto isso não acontece, vamos desenvolvendo as ações possíveis e tentando nos aproximar das mais desejáveis", salienta a psicóloga.







Por uma Psicologia Cidadã

A psicóloga Cecília Coimbra soube transformar em ensinamentos e reflexões algumas passagens nada agradáveis de sua vida. Em 1970, ela entrou para a relação de brasileiros torturados pela ditadura militar e, como não poderia deixar de ser, os três meses em que ficou incomunicável no então conhecido DOI-CODI foram muito longos e marcantes. A partir daí, a jovem estudante de Psicologia, que já tinha formação em História, resolveu tentar entender melhor esta intrincada teia que envolve as questões sociais, a psicologia e a violência. O currículo de Cecília Coimbra ainda contempla as formações no Mestrado e Doutorado em Psicologia Social e Pós-Doutorado em Ciência Política, dois livros referenciais sobre o assunto – Guardiães da Ordem: uma Viagem pelas Práticas Psi no Brasil do "Milagre" e Operação Rio: o Mito das Classes Perigosas – e, atualmente, a vice-direção do grupo Tortura Nunca Mais/RJ, estruturado em 1985. É uma trajetória que justifica o convite do CRP-07 para Cecília Coimbra ser a conferencista do debate em comemoração ao Dia do Psicólogo, em 27 de agosto. Nesta entrevista, a psicóloga carioca conta um pouco da sua vida e antecipa algumas reflexões que trará para o encontro com os psicólogos gaúchos. "Quero destacar a questão da formação, que é minha tese e está no livro Guardiães da Ordem, e falar da importância de uma psicologia cidadã vinculada com as questões da violência urbana, que é o tema do meu outro livro, O Mito das Classes Perigosas. É preciso lembrar que muitas formas de pensar nos são impostas e, por causa disso, se justificam vários desrespeitos com as pessoas, entre os quais o extermínio e as injustiças".

EntreLinhas – Quanto da sua história pessoal se reflete na sua trajetória profissional, no seu trabalho como psicóloga?

Cecília Coimbra – Minha história de vida tem sido marcada pela minha militância política. Antes de fazer Psicologia, fiz o curso de História, que terminei em 1965. Em 1970, fui presa em minha casa no Rio de Janeiro por ter dado proteção a companheiros que seqüestraram o embaixador norte-americano. Foi uma denúncia anônima. Naqueles anos de ditadura militar fui, inicialmente, ligada ao Partido Comunista Brasileiro e também ao grupo que posteriormente se transformou no MR-8. E, principalmente entre 1967 e 1970, dava apoio a companheiros de militância que estavam clandestinos no Brasil. Minha prisão durou três meses, período em que fui torturada e permaneci incomunicável no DOI-CODI da Polícia do Exército do Rio de Janeiro. Em 1985 ajudei a fundar o grupo Tortura Nunca Mais no Rio de Janeiro, no qual me engajei não só como ex-presa política mas também como cidadã que sempre se colocou contra a tortura. E minha participação neste grupo foi fundamental para a minha produção como psicóloga, tenho um interesse muito grande pelas questões sociais, pelos Direitos Humanos. Sem dúvida que minha prática psicológica tem sido atravessada e constituída pela minha formação em História e por minha militância política.

E – A Psicologia teve sua prática reconhecida profissionalmente pouco antes do governo militar. Que impressões a senhora guarda da faculdade?

Cecília – Faço este estudo no meu livro Guardiães da Ordem. Naquele tempo, a Psicologia dominante era uma disciplina extremamente acrítica e sua prática hegemônica andou muitas vezes de mãos dadas com o período de arbítrio. Minha análise crítica sobre os anos 60 mostra que foi um período de *boom* da Psicologia e da Psicanálise no Brasil, ensinadas de forma pseudamente neutra, por exemplo. Em 1962, no Rio de Janeiro, só a PUC oferecia o curso de Psicologia. A partir de 1964, ele surge na UFRJ e UERJ e, em 1970, na UFF.

E – E porque a senhora resolveu cursar Psicologia?

Cecília – Pois é... Apesar de toda a minha militância política e formação em História, os meios de comunicação faziam um apelo intimizante e psicologicamente muito forte naquele momento. A Psicologia era uma profissão muito recente e disseminada pelos meios de comunicação. Mesmo com visão crítica não tive clareza que determinadas profissões eram então enfatizadas porque interessavam ao sistema. Além da Psicologia, a Economia e a Comunicação tiveram também um *boom* naquele momento, em detrimento de outras mais ligadas à crítica social, como a História e a Sociologia. A orientação feita pela ditadura enfatizou profissões menos críticas. Deixo isso claro no Guardiães da Ordem, no qual pego a questão da Psicologia e da História.

E – A senhora acredita que houve uma evolução do discurso psi nestas quatro décadas?

Cecília – Eu não concordo com esta tese de uma história evolutiva... Compartilho do enfoque teórico de Foucault, Marx, Guatarri, Deleuze e acredito que a História produz-se pelas rupturas, não tendo causas primeiras... A partir disso acho que a Psicologia vem apresentando facetas muito interessantes e que saber um pouco sobre a sua história no Brasil é fundamental para os estudantes entenderem como certas práticas emergiram em determinados períodos históricos, para atender a determinados interesses.... Por isso, não existe A Psicologia, mas muitas psicologias. Os objetos, os saberes e os sujeitos são produzidos pelas práticas sociais, pelas práticas dos homens. E, dependendo dessas práticas, podemos produzir determinados rostos, determinadas fisionomias para a Psicologia. Nos anos 60 e 70, quando a Psicologia emerge no Brasil e as universidades começaram a criar seus cursos, foi também o tempo do *boom* das faculdades particulares, já que no Brasil, em 1964, só havia as PUC. O governo brasileiro não quis aumentar o número de vagas naquele momento de contestação estudantil e apelou para o setor privado. Assim, os cursos de Psicologia, em sua grande maioria, vão estar ligados às universidades particulares, tendo uma formação descompromissada da realidade brasileira e que interessava ao regime, o que a colocou como

uma forte aliada ao momento que o Brasil estava atravessando. A tônica dominante era uma visão experimentalista e positivista da Psicologia e da Psicanálise, o que, infelizmente, ainda se observa até hoje em muitos cursos de formação.

E - Como isso pode ser exemplificado?

Cecília - Havia três grandes características naquele período que marcaram profundamente a prática da Psicologia. Uma delas é a que se volta para o interior do sujeito, onde só interessa o que diz respeito ao seu auto-conhecimento. Isso traz efeitos políticos sérios, porque desqualifica os espaços públicos e salienta que as questões políticas não têm nada a ver com o psiquismo e o chamado interior do sujeito. A Psicologia volta-se para "dentro" do indivíduo, reificando seu psiquismo como se fosse uma coisa em si, como se possuísse uma essência e não fosse atravessado e constituído por condições materiais, pela realidade na qual o sujeito se insere. Uma outra característica é o familiarismo, na qual o sujeito irá se preocupar consigo e com a sua família. Todas as explicações passam a ser dadas em função do triângulo mãe-pai-filho a partir das características individuais do sujeito ou das manifestações familiares. Esse familiarismo vai produzir, nos anos 60 e 70, a crença de que a família moderna está em crise e aquelas pessoas que não se adequassem às normas então vigentes precisariam de tratamento. Há uma contribuição interessante de um antropólogo carioca, o Gilberto Velho, que diz que nos anos 70 produziram-se duas categorias de acusação: os subversivos e os drogados. Eu a utilizo para falar dos principais consumidores da Psicologia e da Psicanálise nos anos 70, que eram a classe média e as elites. Os filhos que não aceitavam o modelo imposto à época a partir do "milagre econômico", que iam contra os planos de ascenção social de suas famílias e procuravam outros caminhos passavam a ser encarados como pessoas com dificuldades de relacionamento, com problemas psicológicos, membros de famílias em crise. O subversivo será aquele que se oporá ao regime militar, questionando a sociedade da época e sua estrutura familiar, enquanto o drogado vai aderir ao movimento contracultural. A prática psicológica hegemônica então, a partir daquele momento, foi necessária e importante para fortalecer e dar respaldo científico a estas caracterizações. E aqui eu ressalto, mais uma vez, que algumas destas características ainda estão presentes em algumas das Psicologias produzidas hoje. A terceira característica é a psicologização, termo criado pelo psicanalista Chaim Samuel Katz, do Rio de Janeiro, para mostrar como uma determinada formação psi escamoteava a realidade social. Segundo ele, ao se psicologizar os fatos ocorridos no cotidiano esvazia-se seu conteúdo político e a realidade é entendida e explicada pelo prisma psicológico existencial. Estas são características de uma formação psi marcada por um determinado momento histórico brasileiro de ditadura militar. Apesar disso, outras práticas eram produzidas, mas ainda muito marginais, minoritárias. Na década de 80, com o processo de democratização do País, se começa a perceber a entrada de outros referenciais teóricos, como um psicologia social marxista, uma psicanálise mais foucoultiana ou deleuziana. Há também a análise institucional francesa, com as contribuições de Lourau e Lapassade. Começávamos a ter acesso a outras leituras que antes pouco conhecíamos. A própria formação em Psicanálise nos anos 70 ignorava as obras sociais de Freud, que não eram lidas, e isso não era por acaso... Esse acesso a outras teorias possibilitou que começássemos a pensar uma Psicologia mais crítica, que colocava em análise nossas próprias práticas e as articulava com a realidade brasileira. Este é um caminho que temos percorrido e, sem dúvida, se inscreve nos momentos históricos que temos vivido.

E - A Psicologia desenvolvida hoje se aproxima da realidade da sociedade brasileira? O que deveria ser mudado?

Cecília - Acho interessante lembrar que os Conselhos de Psicologia, quando surgiram, estavam atrelados ao Ministério do Trabalho, em plena ditadura militar. Eu acompanhei isso de perto e sempre fui uma crítica ferrenha da prática bastante corporativa dos Conselhos, que também eram muito conservadores e faziam a manutenção daquela Psicologia hegemônica nos anos 70. Hoje vemos os Conselhos, em sua maioria, voltados para os interesses da Psicologia não de uma maneira corporativa como se fazia antes, mas para uma prática mais crítica. Digo isso com tranqüilidade porque sempre fui oposição, nunca me aproximei dos Conselhos por fazer críticas a eles. Em 1996 fui chamada para ser presidente de uma comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal e admito que fui com cautela. Hoje tenho o orgulho de dizer que participei deste trabalho, de pensar uma Psicologia vinculada à questão dos Direitos Humanos (DH). Isso é inédito no Brasil. Só a Ordem dos Advogados do Brasil possui uma comissão de DH. Nenhum outro Conselho ligado a uma profissão liberal tem esta comissão. Da forma como têm funcionado, estes Conselhos estão fortalecendo, sem dúvida, uma Psicologia vinculada à realidade brasileira, a questões como a fome e o desemprego, por exemplo. Pensar o poderio dos meios de comunicação e o que estes e outros dispositivos fazem com relação à produção de modos de existência, a percepções sobre o mundo, também é trabalho para o psicólogo. Direitos Humanos não é só pensar na violência, mas também porque se associa pobreza com periculosidade... Mudamos muito, estamos construindo outras psicologias dependendo das práticas que coloquemos para funcionar, dos encontros que possamos promover.

E - A senhora acha que este compromisso social se reflete no meio acadêmico?

Cecília - Sou professora da UFF desde 1979 e posso afirmar que hoje esta outra prática da Psicologia mais crítica está também nas academias. A formação atual do psicólogo é muito diferente da formação dos anos 70, mas claro que ainda há profissionais com leituras conservadoras da Psicologia. Uma das preocupações de um professor com visão mais crítica é levar os alunos a pensar sobre o que todos nós estamos produzindo. Falo muito sobre o efeito que as práticas dos homens têm no mundo, pois temos que estar atentos ao que estamos fazendo e produzindo. Nos cursos, de um modo geral, se aprende sobre o que se deve fazer e como se deve fazer. Mas precisamos pensar sobre o para que estamos fazendo, o que estamos produzindo no mundo.

E - Esta Psicologia voltada para a realidade social é uma preocupação existente em muitos outros países?

Cecília - Isso acontece no mundo todo, mas principalmente na América Latina. O grupo Tortura Nunca Mais/RJ, por exemplo, tem um trabalho inédito que é uma equipe clínico-grupal formada por psicanalistas, psicólogos e psiquiatras que atendem pessoas atingidas pela violência do Estado naquele tempo e hoje. É uma clínica voltada para a realidade brasileira no sentido de pensar o sujeito enquanto produção histórica. E temos contatos com profissionais de outros países, como Argentina, Uruguai, Chile, com os quais organizamos livros sobre Saúde Mental e DH. A ligação da Psicologia com DH é muito forte em todos estes países saídos de regimes de força. Os grupos europeus trazem experiências importantes, como campanhas para que profissionais da saúde estejam atentos às situações de violação de DH e, principalmente, os profissionais que trabalham em presídios onde a tortura acontece e não há denúncia por medo e mesmo por coação. Esta preocupação de se levar para os profissionais da Saúde Mental sua responsabilidade com os DH tem a ver com uma Psicologia que se quer produzir hoje, uma Psicologia cidadã que tem compromisso com a população pobre, torturada também pela própria situação de sobrevida que a atinge.

E - Num momento em que diversas ciências desmancham suas fronteiras e buscam a interdisciplinaridade, como fica o objeto da Psicologia?

Cecília - Prefiro usar transdisciplinaridade, que quebra mesmo com os limites e não acaba com as especificidades dos saberes de diferentes profissionais. Quando as fronteiras são desmanchadas e os saberes se mesclam, se misturam, há uma riqueza muito maior e é possível entender a realidade do ser humano em sua multiplicidade. Sou crítica dos especialismos que se colocam de forma corporativa, mas não contra os saberes específicos. A realidade é tão múltipla que é ingênuo pensar que vamos apreendê-la em sua totalidade. Por isso, é salutar que a Psicologia se misture com outras áreas e possibilite uma maior riqueza de conhecimento para os profissionais. A partir das contribuições das diferentes disciplinas poderemos no aproximar um pouco da riqueza que é o ser humano.

O tempo da Psicologia no Brasil

Odair Furtado
(ofurtado@uol.com.br)
Presidente do Conselho Federal de Psicologia e Professor de Psicologia Social da PUC-SP.

As histórias geralmente começam com era uma vez! Entretanto, até pouco tempo atrás, a vez da nossa história não havia chegado. Os psicólogos formados há uma década e muitos que estão se formando hoje conhecem uma mesma história: a dos velhos e bons manuais americanos de psicologia. O *Sistema e Teorias em Psicologia* de Max e Hillix é de 1963; *Teorias y Sistemas Contemporaneos en Psicologia*, de Benjamin B. Wolman, é de 1960; e *Textos Básicos de História da Psicologia*, de Herrnstein e Boring, é de 1956 e, tenho certeza, continuam sendo lidos e estudados nos nossos cursos de Psicologia. E a Psicologia brasileira? Será ela apenas o reflexo dessas histórias contadas nesses manuais?

Certamente não! Hoje já temos o registro, realizado por mais de uma dezena de bons pesquisadores, da história da Psicologia no Brasil. E boa parte desses pesquisadores compõe o grupo de trabalho de História da Psicologia da ANPEPP (Associação Nacional de Programas de Pós em Psicologia), que já tem um bom material publicado.

Assim, começamos a conhecer nossa história de um século de produção de conhecimento. Você sabia que Manoel Bomfim dirigiu o primeiro laboratório de Psicologia, que foi fundado no Rio de Janeiro em 1906? Pois é, nossa trajetória remonta aos primórdios da própria Psicologia na Europa e Estados Unidos. O Conselho Federal de Psicologia tem procurado colocar à disposição dos psicólogos e público interessado a biografia de nossos pioneiros e em breve estará publicando os artigos clássicos da história da Psicologia no Brasil, que até agora somente era encontrado em revistas especializadas de difícil acesso.

Mais de cem anos de história da Psicologia e, agora, 40 anos de regulamentação da profissão. Bem, os pioneiros trabalhavam e a profissão deve hoje também ser quase centenária. Ocorre que não havia uma formação sistemática do psicólogo e os primeiros cursos de Psicologia estavam vinculados aos cursos de Filosofia. O primeiro foi o da Universidade de São Paulo em 1932, construído por Annita Cabral e Lourenço Filho. Madre Cristina, do Sedes Sapientiae, constituía o primeiro curso de aprimoramento em Psicologia Clínica em 1948 e formava pedagogos, jovens psiquiatras e outros interessados nessa nova profissão. Em 1959 é fundada a primeira clinica de atendimento psicológico institucional no Brasil no Instituto de Psicologia da PUC-SP dirigido por Enzo Azzi desde 1952.

Estes antecedentes demonstram a maturidade da profissão e em 27 de agosto de 1962 é promulgada a Lei nº 4119, que regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil. Hoje somos aproximadamente 130 mil psicólogos com registro nos Conselhos de Psicologia e 178 instituições formadoras em todo o país. E qual o balanço desse período? Bem, podemos dizer que é positivo. A Psicologia conquistou definitivamente um espaço importante no cenário das profissões no Brasil. Há pouco tempo, ainda não se sabia realmente qual era a função do psicólogo. Lembro-me de uma oportunidade em que meus alunos entrevistaram uma psicóloga de um Centro de Saúde e ela declarou que, ao chegar ao local de trabalho, foi recebida por seu chefe - um médico. Era a primeira que ele teria um psicólogo em sua equipe e, sem saber ao certo como proceder, lhe disse que na impossibilidade de arrumar uma sala para ela naquele momento, poderia ficar na recepção mesmo, conversando com os pacientes. "Mas não é isso que o psicólogo faz?", disse ele à atônita recém-formada. Quando vemos hoje a presença obrigatória dos psicólogos nos serviços de saúde (obrigatória porque se descobriu necessária), quando vemos juízes das varas da infância e juventude ou da família recorrer sistematicamente ao psicólogo, quando vemos psicólogos falando quase diariamente à imprensa, quando vemos a própria representação social da psicologia no cotidiano, sabemos que hoje a história é outra.

Hoje, aos 40 anos, parece que a vida começa! Agora buscamos um novo patamar. Nossa profissão precisa ganhar consistência e o mote do último Congresso do sistema Conselhos - o IV Congresso Nacional da Psicologia -, que foi *Qualidade, Ética e Cidadania nos Serviços Profissionais: Construindo o Compromisso Social da Psicologia* representa o marco do novo patamar. Precisamos, agora, garantir a qualidade de nossos serviços e ao mesmo tempo o reconhecimento geral da importância da Psicologia, e isto se dará com a cobertura abrangente dos serviços prestados. Somente quando toda a população brasileira tiver acesso garantido aos serviços psicológicos teremos de fato uma Psicologia no Brasil, seremos de fato reconhecidos como profissão imprescindível. E para isso precisamos de políticas públicas, precisamos do SUS, precisamos que os psicólogos compreendam que a condição de profissional liberal representou momento de constituição da profissão mas hoje representa apenas uma alternativa de prestação de serviço. Um país pobre como o nosso, com mais de 90 por cento da população impedida de consultar serviços privados de saúde, de educação, etc., precisa, de forma imprescindível, que o psicólogo esteja disponível para o seu atendimento. Somente nesse momento, quando estivermos atingindo todo espectro da população brasileira, quando qualquer pessoa em nosso país tiver garantido seu atendimento, teremos atingido nossa maioridade. Tomara que esse tempo chegue logo!



Foto (detalhe HPSP): Alexandre Baptista

Conselhos Regionais participam da APAF

• No último mês de maio foi realizada, em Brasília, mais uma Assembléia de Políticas Administrativas e Financeiras (APAF). Participam desta assembléia representantes de todos os Conselhos Regionais, que discutem e deliberam sobre as políticas que serão adotadas pelos Sistema Conselhos.

• A pauta do encontro foi extensa, com discussões a respeito do trânsito, do processo de registro de especialistas, da minuta da acupuntura, das relações internacionais e regulamentações para orientação e fiscalização. Também foram formados vários grupos de trabalho que deverão aprofundar questões para apresentação na próxima APAF, em dezembro.

Três dias de debate
sobre a adolescência



Um time de psicanalistas franceses e de vários estados brasileiros se junta a profissionais de outras áreas no colóquio Adolescência e Construção de Fronteiras, que será realizado em Porto Alegre nos dias 15, 16 e 17 de agosto com o apoio do CRP-07. Serão três dias de avaliação e debate de várias questões, tais como a circulação do adolescente no espaço urbano, a relação do adolescente com o discurso social instituído, o significado das instituições da adolescência. As entidades promotoras são UFRGS, APPOA, Universidade Paris 13, Instituto de Psicanálise da Adolescência (França) e Prefeitura de Porto Alegre, que também contam com o apoio da Secretaria de Saúde do RS.
As atividades serão desenvolvidas nos Salão de Atos da UFRGS (av. Paulo Gama, 110), com as seguintes mesas-redondas e participantes:

Quinta-feira – dia 15 de agosto

Eixo temático: Psicopatologia do Espaço e Constituição de Lugares

● 15h – Conferência
O mundo fechado, o universo infinito e a garrafa de Klein, com Jean-Jacques Rassial (Psicanalista, Univ. Paris 13)

● 17h – Mesa-redonda
A utopia e os avessos da cidade, com Edson Sousa (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no movimento hip-hop, com Gisele Santos Laitano (Geógrafa, Prefeitura Municipal POA, UCS)
Espaço psíquico, espaço urbano: fechamento e transgressão, com Marie-Claude Fourment (Psicanalista, Univ. Paris 13)
"Vamos mudar o mundo só mais uma vez?" Transgressão e criação, com Walter Firmo de Oliveira Cruz (Psicanalista, APPOA, Cruz Vermelha)

● 19h30min – Mesa-redonda
A rua enquanto instituição das populações marginalizadas: uma abordagem psicanalítica através de grupo operativo, com Jorge Broide (Psicanalista/SP)
À porta da rua, com Míriam Pereira Lemos (Socióloga, Pesquisadora em Educação/ UFRGS)
A lógica do desafio nos adolescentes da rua, com Serge Lesourd (Psicanalista, Univ. Paris 13)
Delinqüência juvenil: do sujeito ao objeto, com Rosane de Abreu e Silva (Psicanalista/RS)

Sexta-feira – dia 16 de agosto

● 9h – Mesa-redonda
Passagens obstruídas: quartos privativos, sem janela, com Analice Palombini (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
Adolescência: da cena familiar à cena social, com Miriam Debieux Rosa (Psicanalista, USP, PUC/SP)
Espaços e seus limiares: sobre uma metapsicologia das passagens de lugares e de seus impedimentos na adolescência, com Olivier Douville (Psicanalista, Le Bachelier)

Eixo temático: O Adolescer e seus Destinos
● 10h30min – Conferência
Apagando marcas: registro e endereço adolescente, com Ana Maria Medeiros da Costa (Psicanalista, APPOA,UFRGS)

● 14h – Mesa-redonda
"Tá ligado?" Observações sobre as ligações adolescentes, com Lúcia Alves Mees (Psicanalista, APPOA)
A injúria adolescente, com Luís Fernando Lofrano de Oliveira (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
Quando a outra língua é verdadeiramente outra: o adolescente surdo, com Maria Cristina Solé (Psicanalista, APPOA)
O adolescente e a visualidade de seu conforto não-todo, com Rodolpho Ruffino (Psicanalista, APPOA)

● 16h – Mesa-redonda
"Patricinha ou largada": as identificações na adolescência, com Carmen Backes (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
A formação do semblante: o original de um limite, com Eric Bidaud (Psicanalista, Univ. Paris 13)
A leitura literária na construção das identidades, com Lia Scholze (Letras, Secretaria Municipal da Cultura)
"Grande prá andar só": um caso clínico, com Siloé Rey (Psicanalista, APPOA)

Eixo temático: Instituições da Adolescência
● 18h – Mesa-redonda
Uma encruzilhada adolescente: entre a identificação e os ideais, com Carlos Kessler (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
Função paterna na adolescência: declínio ou deslocamentos?, com Roséli Maria Olabarriaga Cabistani (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
A saída de casa, com Valéria Rilho (Psicanalista, APPOA, UFRGS)
Momentos psicóticos na adolescência, com Didier Lauru (Psicanalista, Le Bachelier)

Sábado – dia 17 de agosto

● 9h – Mesa-redonda
O conflito de gerações na sociedade atual, com Erane Paladino (Psicóloga, Inst. Sedes Sapientiae)
A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social?, com Luciana Gageiro Coutinho (Psicanalista, CPRJ, NAV/ UFRJ)
Adolescente e/ou instituição, com Maria Cristina Poli Felippi (Psicanalista, APPOA)
Toxicomanias: uma clínica social, com Marta Conte (Psicanalista, APPOA, Secretaria da Saúde/Governo do Estado RGS)

● 10h30min – Mesa-redonda
Escola: adolescência e lugar do professor, com Eliana Dable de Mello (Psicanalista, APPOA)
Professores de adolescentes nas periferias: considerações sobre a Brasília amarela no pátio da escola, com Maria Cristina Kupfer (Psicanalista, USP)
O adolescente e os transtornos de aprendizagem: uma abordagem interdisciplinar, com Marilene da Silva Cardoso (Pedagogia, CEAIA/PUCRS)
Adolescência: conceito adolescente?, com Tiago Corbisier Matheus (Psicanalista, PUC/ SP, Inst. Sedes Sapientiae)

● 15h – Mesa-redonda
A transitoriedade do ser jovem ao ser adulto: repensando políticas de atendimento, com Adriane Correia Barreto (Serviço Social, FASC/ Prefeitura Municipal POA)
Adolescência e abrigagem: tentativa de parentalidade no contexto público contemporâneo, com Ângela Lângaro Becker (Psicanalista, APPOA)
A subjetividade adolescente numa instituição de acolhimento, com Carla Lam (Acadêmica Psicologia Universidade Paulista)
As instituições e a adolescência: quem demanda o quê prá quem?, com Emília Estivalet Broide (Psicanalista, APPOA)

● 17h30min – Conferência
Até quando dura a juventude?, com Alfredo Jerusalinsky (Psicanalista, APPOA)

Inscrições e informações na APPOA (3333.2140) e na UFRGS (3316.5458)

PSI
Parada Obrigatória

III Encontro de Psicologia do Trânsito será em setembro

A Comissão Especial do Trânsito do CRP-07 já definiu a data e o local de realização do III Encontro Estadual de Psicologia do Trânsito: será no dia 28 de setembro, a partir das 8h30min, no auditório da FABICO/UFGRS (Ramiro Barcellos, 2705). A iniciativa, que foi muito bem sucedida em suas edições anteriores, tem como finalidades a integração, a troca de experiências e o debate de questões relacionadas ao trânsito e a atuação do psicólogo nesta área. As mesas-redondas vão contar com a participação de psicólogos e outros profissionais na abordagem de temas como educação, pesquisa, circulação humana, prevenção de acidentes e interdisciplinaridade. Não deixe de garantir sua presença, pois as vagas são limitadas. Inscrições na secretaria do CRP-07.

Reuniões do Trânsito

As próximas reuniões da Comissão Especial do Trânsito serão realizadas nos dias 7 de agosto (quarta-feira) às 20h, e 24 de agosto (sábado) às 9h, no auditório do CRP-07.

CFP prepara Concurso de Provas e Títulos para especialistas em Psicologia

Os psicólogos interessados em obter o seu título profissional de Especialista em Psicologia através de concurso já podem ir se preparando. O Conselho Federal de Psicologia informa que o primeiro Concurso de Provas e Títulos – previsto na resolução 014/00 de dezembro de 2000 – será realizado ainda este ano. A data prevista é 24 de novembro, sendo que, neste dia, as provas serão dirigidas às especialidades de Psicologia Escolar/Educacional, Psicologia Organizacional e de Trabalho, Psicologia Hospitalar e Psicologia Jurídica. As demais especialidades (Psicologias do Trânsito, Clínica e Esporte, junto com Psicopedagogia e Psicomotricidade) terão o concurso no próximo ano, provavelmente no mês de março. De acordo com a resolução, as provas envolverão conhecimentos teóricos e práticos da área de especialidade escolhida pelo profissional e uma avaliação de títulos. O edital do processo ainda está em fase de elaboração e será divulgado posteriormente.

A Psicologia pelos Caminhos do Interior

Representantes de serviços de Psicologia de Passo Fundo e Santa Maria encaminharam ao CRP-07 complementação à matéria publicada na edição anterior do EntreLinhas. Os dados são os que seguem:

Passo Fundo

"Atualmente, o município de Passo Fundo conta com uma equipe de 21 psicólogas, seis psiquiatras, dois assistentes sociais, profissionais de enfermagem, nutricionistas, professor de Educação Física, praxiterapeuta, entre outros auxiliares, que fazem parte da Saúde Mental, atendendo à demanda do SUS em diversos bairros da cidade.
Esses profissionais atendem a comunidade em grupos, individualmente, em casais e famílias. Atendemos também a populações específicas como diabéticos, hipertensos, portadores de HIV e doentes de AIDS, pacientes com dores crônicas, depressivos, dependentes químicos autistas e egressos de hospitais psiquiátricos (CAPS), bem como a seus familiares. Prestamos ainda assessoria psicológica a casas geriátricas, Programa de Saúde da Família (PSF) e Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS).
Desenvolvemos também um programa de treinamento para prestadores de serviços em Saúde agregando CAIS e ambulatórios do município, onde estão sendo trabalhados aspectos das relações humanas e atendimento ao público. Está sendo implantado, ainda, o fluxo para atendimento de abuso sexual".

Rita T. Mocellin Annes
coordenadora de Saúde Mental da Secretaria de Saúde de Passo Fundo

Santa Maria

"A Universidade Federal de Santa Maria mantém vários (mais de dois) psicólogos técnicos em seu quadro pessoal; no Hospital Universitário de Santa Maria existe psicólogo desde o ano de 1967; o estágio de psicólogo no HUSM foi regulamentado no final do ano de 2001, mediante acordo entre o curso de Psicologia da UFSM e o Serviço de Psicologia do HUSM"

Patrícia da Silva Cecim
Psicóloga do Serviço de Psicologia HUSM e UFSM

A sub-comissão do Trânsito da Seção Sul do CRP-07/Pelotas

informa que suas reuniões estão sendo realizadas mensamente. Os próximos encontros serão nos dias 14 de setembro e 5 de outubro, sempre às 11h.

Registro de Especialistas

A Comissão Especial de Análise para Concessão de Título Profissional de Especialistas segue com seus trabalhos de avaliação de processos. Os resultados são encaminhados, através de correspondência, para o endereço dos solicitantes.

A Atualidade das Teorias Sexuais Infantis

é mais uma publicação de caráter psicanalítico da Editora CMC, de Porto Alegre. A obra apresenta a transcrição de um seminário desenvolvido pelos psicanalistas franceses Jean Bergès e Gabriel Albo durante o ano de 1998 em Paris, como parte do quadro de ensino da Associação Freudiana Internacional e da Escola de Psicanálise da Criança. Em nove capítulos, os autores abordam temas como Crianças Difíceis, Sublimação e Dupla Negação e Função da Teoria Sexual Infantil. Informações e encomendas pelos telefones (51) 3346.8793 ou 3226.7075.





agenda

Psicologia Clínica, Saúde Comunitária e Transtornos do Desenvolvimento
Cursos de Especialização
Inscrições abertas no Instituto de Psicologia da UFRGS
Informações (51) 3316.5470 ou www.psicologia.ufrgs.br

Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes
Curso de Pós-Graduação/ Especialização
Início em agosto na Unisinos, em São Leopoldo
Informações (51) 590.8121 ou spcb@conex.com.br

Psicologia Clínica de Crianças, Adolescentes e Adultos
Curso de Especialização com início em agosto de 2002
Inscrições abertas no Instituto Wilfred-Bion
Informações (51) 3332.3943 ou 3335.3443

Diagnóstico Psicológico
Curso de Pós-Graduação
Início em agosto na PUC/RS
Informações (51) 3320.3633 ou www.pucrs.br/psipos

Psicoterapia e Psicopedagogia Comportamental Infantil
Curso de especialização
Início em agosto na Universidade Mackenzie/SP
Informações (11) 5091.7060 ou www.mackenzie.br

Introdução ao Estudo do Adulto Maduro
Início em agosto, com encontros semanais nas segundas-feiras
Inscrições abertas no GEA
Informações (51) 3330.6404 ou 3321.1573

Como usar a Psicologia para entender e ajudar as Organizações
Início em agosto de 2002
Inscrições abertas no CLAM (Clínica de Atendimento ao Adulto Maduro)
Informações (51) 3328.0622

Formação em Psicoterapia Psicanalítica
Início em agosto de 2002
Inscrições abertas no Instituto de Terapias Integradas
Informações (51) 3311.3008 ou 3311.8163

Estudos Psicológicos e Fenomenológicos do Adulto Maduro.
Curso com início em agosto de 2002
Inscrições abertas no CLAM (Clínica de Atendimento ao Adulto Maduro)
Informações (51) 3328.0622

Formação em Psicologia Organizacional
Curso com início em agosto
Inscrições abertas no Instituto de Desenvolvimento Global
Informações (51) 3232.6104 ou idg@idglobal.com.br

A Utilização de Instrumentos para Diagnóstico em Psiquiatria
Apresentação da Mini International Neuropsychiatric Interview
Dias 9 e 10 de agosto no Centro de Estudos Luis Guedes, em Porto Alegre
Informações (51) 3316.5588

Estilos de Relação Oral, Anal, Fálica, Edípica e Genital: um Recurso Clínico
Encontro científico no dia 15 de agosto
Inscrições abertas no Instituto Wilfred-Bion
Informações (51) 3332.3943 ou 3335.3443

3º Fórum de Debates Home Care/Região Sul
Dias 16 e 17 de agosto no Hotel Deville, em Porto Alegre
Informações (51) 3231.3000 ou www.forumhomecare.com.br

II Jornada Gaúcha de Psicologia Hospitalar
Dias 23 e 24 de agosto, em Porto Alegre (RS)
Inscrições abertas na Sociedade de Psicologia/RS
Informações (51) 3331.8586 ou www.sprgs.org.br

O Papel do Pai na Família
Palestra no dia 27 de agosto, às 19h30min, na Sociedade Orpheu de São Leopoldo (RS)
Inscrições abertas na Clínica Ser
Informações (51) 592.0976

Supervisão em Psicoterapia Psicanalítica
Grupo de estudos com início em 3 de setembro
Aberto a médicos e psicólogos
Informações (51) 3225.2276

VI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental
Tema: A experiência do sofrimento e a Psicopatologia na clínica, na teoria e na cultura
De 5 a 8 de setembro em Recife (PE)
Informações www.unicap.br/pathos/vicongresso

XI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental
De 26 a 29 de setembro em Londrina (PR)
Informações (43) 337.7761 ou abpmc@sercomtel.com.br

VI Congreso Al Encuentro de la Psicología Mexicana/II Congreso Latinoamericano de Alternativas en Psicología
De 20 a 23 de novembro em Puebla (México)
Informações no Conselho Federal de Psicologia - www.pol.com.br

VI Jornada do Serviço de Doenças Afetivas da Santa Casa
Dias 16 e 17 de agosto, na Santa Casa de Porto Alegre
Inscrições e informações (51) 3214.8504 ou www.santacasa.org.br

Psicopatologia em Debate
Ciclo de palestras para Estudantes
Neurose (dia 10 de agosto), Psicose (17 de agosto), Perversão (24 de agosto) e Patologias Graves (31 de agosto)
Inscrições abertas na Constructo
Informações
constructo@terra.com.br

Musicoterapia: teoria e prática
Palestra no dia 8 de agosto, às 19h30min
Inscrições abertas no Centro de Psicologia Analítica
Informações (51) 3233-6599 ou uroboros@portoweb.com.br

III Encontro Mineiro de Orientadores Profissionais (EMOP)
Dias 13 e 14 de setembro em Belo Horizonte (MG).
Informações www.fafich.ufmg.br/~emop3.

Práticas Psicológicas no Hospital Geral
Curso de Extensão com 80 horas de duração
Início no dia 13 de agosto
Inscrições abertas no Hospital São Luiz (SP)
Informações (11) 3040.1584

XIII Fórum Internacional de Psicanálise
De 25 a 29 de agosto de 2004 em Belo Horizonte (MG)
Informações (31) 3223.6115 ou www.cpmg.org.br

Quando *Psiqué procura* Clio

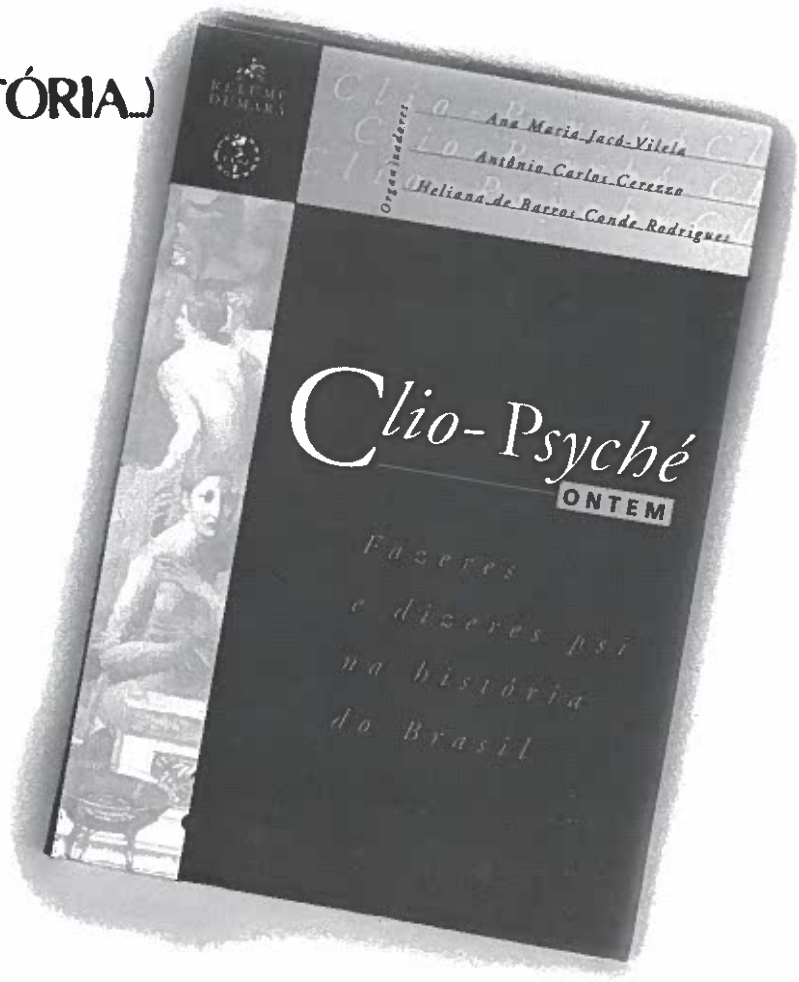
(OU A PSICOLOGIA TEM UMA HISTÓRIA)

Ana Maria Jacó-Vilela
(amjaco@uol.com.br)
Coordenadora do Núcleo Clio-Psyché da UERJ

Clio-Psyché Ontem – Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil.

Vários autores. Editora Relume-Dumará

Rio de Janeiro, 2001



...é necessário que também nos interessemos em verificar... como seus saberes e práticas passaram a ser parte constitutiva de nossa cultura

Completamos, neste ano de 2002, quarenta anos da regulamentação da profissão de psicólogo e do curso de Psicologia no Brasil. Tais datas "redondas" tendem a propiciar debates e rememorações sobre o tema em questão, analisando sua situação atual e perspectivas futuras. Normalmente, voltam-se também para o passado, o que pode se transformar então na fixação de um "marco zero", de um momento de origem de uma história que é contada a partir dele. Entretanto, pode se transformar também num dispositivo que, ao contrário da primeira perspectiva, utiliza o "aniversário" para desmontá-lo, para retirar sua característica fundadora e propiciar o entendimento dos processos, do "como foi possível" que tal fato ocorresse. Procura-se então estabelecer as correlações de força que, através do tempo, foram se afunilando e produzindo um acontecimento "novo", da ordem da emergência de um campo profissional e de estudos, como é o caso da Psicologia.

É nesta segunda perspectiva que se situam os trabalhos do Núcleo Clio-Psyché da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), cuja denominação trás em si o reconhecimento da importância do pensamento grego na constituição dos sujeitos do mundo ocidental. Assim, uma de suas últimas publicações - *Clio-Psyché Ontem – fazeres e dizeres psi na história do Brasil*, livro resultante de encontro ocorrido em 1999 – percorre os percursos que levaram, aos poucos, à consolidação e autonomização da Psicologia entre nós.

Composto de quatro partes temáticas, o livro se inicia com uma homenagem à trajetória de Nise da Silveira, à época recém falecida, apresentada através de texto de um de seus mais jovens discípulos, Walter Melo. Como falar em Nise é falar não só de saberes e práticas psi, mas também de inserção nas lutas políticas de seu tempo, o artigo de Walter é adequadamente seguido por quatro outros (de Lilia Ferreira Lobo, de Mitsuko Antunes, de Alexander José de Souza, de Lia Baraúna,) que, na Parte I, procuram desenhar a construção subjetiva em suas interrelações com os acontecimentos/pensamentos das primeiras décadas do século XX no Brasil. Esta linha argumentativa é acompanhada por dois outros artigos: um de Luiz Fernando Dias Duarte, que reconstrói, através da história e da etnografia, as condições de surgimento e sedimentação do campo psi; o outro artigo, de Ulfried Geuter, caminha na mesma linha de articulação, somente que se referindo a uma outra realidade: a psicologia na Alemanha nazista.

A Parte II, iniciada com o trabalho de Magali Engel historicizando os saberes e práticas psi, destina-se prioritariamente à constituição destes no campo médico. Assim, os trabalhos de Nádia Rocha, Ana Venâncio e Lázara Carvalhal, Beatriz Magalhães e Márcia Lopes detêm-se em temas que vão da construção do conhecimento psicológico no meio médico brasileiro no século XIX às primeiras classificações e atuações psiquiátricas, reconstruindo inclusive as diferentes compreensões sobre o papel do trabalho na terapêutica.

Se estes artigos apontam para o desenvolvimento de determinadas disciplinas científicas, a parte III, através de Ana Jacó-Vilela, Mitsuko Antunes, Ricardo Keide, Karina Pinto e Tania Catharino, procura articular tal desenvolvimento com as necessidades e utilizações por parte do Estado brasileiro, principalmente na República Velha e no Governo Vargas, enfatizando-se tanto o trabalho dos higienistas quanto da Educação, que, numa perspectiva pedagógica, de prevenção, propunham-se a criar o "novo homem", capaz de contribuir para o crescimento da nação.

Finalmente, a parte IV, com artigos de Leila Oliveira, Carolina Martins e Leila Brito, Lygia Ayres, procura apresentar as condições iniciais de um campo que atualmente está em plena expansão: o das relações entre Psicologia e Direito.

Com a comemoração dos quarenta anos de oficialização da Psicologia no Brasil, é necessário que também nos interessemos em verificar como seus saberes e práticas passaram a ser parte constitutiva de nossa cultura. Consideramos que *Clio-Psyché Ontem – fazeres e dizeres psi na história do Brasil* pode colaborar neste aspecto – entre várias outras contribuições que, felizmente, hoje em dia vemos aparecer –, ao nos auxiliar no resgate da memória e na construção da história da Psicologia no Brasil, construção aqui entendida como uma possível ferramenta para a desnaturalização das idéias que expressamos e que compartilhamos com aqueles outros que nos constituem e com quem, juntos, construímos o mundo em que vivemos, o campo profissional e científico em que atuamos.